



## **Imprensa Feminina no Rio Grande de Norte: jornal O Sonho (1908-1909)<sup>1</sup>**

Monick Talita Inácio da CÂMARA<sup>2</sup>  
Manoel Pereira da ROCHA NETO<sup>3</sup>  
Universidade Potiguar (UnP), Natal, RN

### **RESUMO**

O objeto de estudo desta pesquisa é o jornal manuscrito feminino ‘O Sonho’, editado no município de Ceará-Mirim (RN), na década de 1910, uma época em que o papel da mulher era restrito ao espaço doméstico sob a tutela do pai ou do irmão mais velho e, depois de casada, do marido. Para reconstituir esse jornal buscamos os exemplares disponíveis em acervos públicos e privados e entrevistas com pesquisadores e historiadores. ‘O Sonho’ é o ponto de partida para a análise dos questionamentos da imprensa feminina no Rio Grande do Norte, por meio do jornalismo, com o objetivo de conquistar espaço na sociedade e buscar a emancipação da mulher.

**PALAVRAS-CHAVE:** Imprensa feminina; gênero; O Sonho; Ceará-Mirim.

### **Introdução**

A imprensa feminina geralmente foi considerada como secundária ou supérflua no jornalismo. No entanto, os pequenos jornais e os impressos de longa duração tiveram importância na luta pelos direitos das mulheres e na quebra das imposições sociais, políticas e de inferioridade intelectual, determinando o papel da mulher como subalterno.

No entanto, as mulheres começaram a atuar na imprensa e os primeiros jornais femininos tiveram como objetivo divulgar textos literários, amenidades e moda. Por meio do jornalismo, as mulheres encontraram um meio de externar seus sentimentos e pensamentos. Com a criação de jornais próprios, elas extrapolaram as barreiras do lar e se inseriram no espaço público, dominado pelos homens: a literatura. Muitas folhas literárias editadas por mulheres sugeriram no final do século XIX. “A Mensageira, em 1897, trazia artigos sobre a condição da mulher, noticiário cultural e muitos textos

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 12 a 14 de junho de 2013.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Potiguar, email: [monickcamara@gmail.com](mailto:monickcamara@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Potiguar, email: [manupereira@unp.br](mailto:manupereira@unp.br)



literários” (BUITONI, 1990, p. 40). As mulheres, portanto, começaram a atuar na imprensa produzindo e editando jornais, configurando desse modo, a imprensa feminina brasileira.

### **Imprensa feminina no Brasil**

O jornalismo feminino surgiu com o objetivo de ser porta voz da mulher, pois elas ficavam restritas ao lar e, até então, não eram ouvidas. De acordo com Buitoni (1990), o primeiro periódico feito por mulheres foi o jornal *Lady's Mercury*, lançado na Grã-Bretanha, em 1693. No Brasil, o pioneiro foi o ‘Espelho Diamantino’, criado no Rio de Janeiro em 1897. Abordava política, literatura, belas-artes, teatro e moda em textos leves e didáticos. Depois vieram ‘O Espelho das Brasileiras’ (1831), primeira impresso feminista; ‘Jornal de Variedades’ (1835); ‘Relator de Novellas’ (1838); ‘Espelho das Bellas’ (1841); ‘Correio das Modas’ (1841) e ‘Jornal das Senhoras’ (1852). (BUITONI, 1990).

Os títulos dos primeiros jornais faziam apologia à figura feminina com nomes relacionados à mulher e aos seus objetos, como flores, pedras preciosas ou belos animais. Em sua obra Buitoni (1990, p.40) cita alguns títulos de jornais do Rio de Janeiro, São Paulo e outras cidades: ‘A Camélia’; ‘A Violeta’; ‘O Lírio’; ‘A Crisálida’; ‘A Borboleta’; ‘O Beija-Flor’; ‘A Esmeralda’; ‘A Grinalda’; ‘O Leque’; ‘O Espelho’; ‘Primavera’; ‘Eco das Damas’. Era como se o próprio jornal fosse uma projeção do reflexo da mulher.

Uma novidade, oriunda da França, transformou o cenário da imprensa, eram os folhetins que, em pouco tempo, caíram no gosto das mulheres. Os primeiros tinham textos pequenos e ficavam em local de pouca visibilidade nos jornais. Eram resenhas literárias, notas de teatro ou crônicas que quebravam os longos textos característicos na imprensa da época. Segundo Buitoni (1990, p.37), o primeiro folhetim, intitulado ‘O Capitão Paulo’, traduzido do francês, foi lançado em 1838, numa publicação não-feminina: o ‘Jornal do Comércio’.

No entanto, a imprensa feminina incorporou muito bem esse tipo de seção. Os romances eram seriados, encartados por capítulos nas edições dos jornais. Era uma forma de fidelizar o leitor e testar a aceitação do romance. Se alcançasse sucesso, seria publicado em forma de livro. Grandes escritores brasileiros lançaram obras famosas assim. “José de Alencar, redator-chefe do Correio Mercantil, publicou em seu jornal,



durante o mês de dezembro de 1846, o romance *Cinco Minutos* e, em janeiro de 1947, *O guarani*” (BUITONI, 1990, p.39).

Os jornais dessa época continham notícias, moldes para costura, gravuras de modas, figurinos coloridos à aquarela e partes destacáveis de romances. Nesse período, eram comprados para serem colecionados e não eram publicações efêmeras. Desse modo, as assinaturas cresceram junto com a publicidade e o número de páginas. O jornal ‘A Estação’ (1879-1904), da Casa Laemmert, somava, em um ano, 350 páginas só de texto, além das mais de 2000 ilustrações de moda e 300 moldes em tamanho natural. Em *A Estação*, Machado de Assis publicou *Quincas Borba*, de 1886 a 1891.

Mais tarde, com as ilustrações e os moldes de roupas encartados nos jornais e revistas, a imprensa feminina popularizou a moda. Passou-se a investir ainda mais nesse tipo de publicação. Moda e literatura foram os principais temas discutidos na imprensa feminina. Os jornais que reproduziam as novidades da Europa eram facilmente aceitos pelo público que desejava se atualizar sobre o que se consumia no Velho Mundo.

A Casa Laemmert, gráfica dos irmãos Eduardo e Henrique Laemmert, inseriu ilustrações e livros de autores renomados no *Correio das Modas*. Segundo Buitoni (2009, p. 33), os figurinos vinham da Europa e eram pintados à mão.

As revistas ilustradas fizeram grande sucesso. Já no começo do século XX, a imprensa brasileira importou a fotografia, que passou a ser o principal elemento desse tipo de produto. Fundada por Henrique Fleiss, em 1860, a ‘*Semana Ilustrada*’ foi a primeira grande revista com imagens. De acordo com Sodré (*apud* BUITONI, 2009, p.34), até então só havia revistas com caricaturas e ilustrações intercaladas, não vinculadas diretamente ao texto. ‘*A Revista da Semana*’, lançada em 1901, no Rio de Janeiro, trazia a seção ‘*Cartas de Mulher*’, além de literatura e editoriais. Seguiram ‘*Kosmos*’ (1904); ‘*O Malho*’ (1902); ‘*Fon-Fon*’ (1907); ‘*Careta*’ (1908), sendo que as três últimas usavam as imagens em tom humorístico para fazer crítica social e política. (BUITONI, 1990, p. 42).

Muitos jornais femininos, bem como os de outros gêneros, não tiveram fôlego para além de uma ou duas edições. Entre o fim do século XIX e início do século XX. No Brasil, muitos jornais nascerem e morrerem rapidamente. Entretanto, algumas revistas, fundadas por mulheres, resistiram às dificuldades circulando por muitos anos, provando sua capacidade intelectual e administrativa. Foi o caso de a *Revista Feminina* – criada por Virgilina de Souza Sales em 1914 – que durou 22 anos, até 1936. Sua principal fonte de receita eram as assinaturas, estimulando as leitoras com campanhas e



concursos. Vendia até 30 mil exemplares enquanto outras boas revistas tiravam em média 10 mil, número também alto no mercado editorial da época.

Os primeiros veículos femininos adotavam uma postura conservadora, de reafirmar a posição de mulher como mãe e esposa. Eles reprovavam ideias progressistas, defendiam apenas o direito da mulher à educação. Até então, apenas poucas filhas de famílias abastadas eram letradas. Publicavam amenidades, moda, literatura, dicas domésticas, receitas. As mulheres tinham a clara visão sobre si mesma do lugar que deviam ocupar na sociedade.

No século XX, encontramos duas direções bem definidas na imprensa feminina: a tradicional, que não permite liberdade de ação fora do lar e que engrandece as virtudes domésticas e as qualidades “femininas”; e a progressista, que defende os direitos das mulheres dando grande ênfase à educação (BUIIONI, 2009, p. 17).

Na contramão da regra surgiu, em Recife (PE), o primeiro jornal feminista, o ‘Espelho das Brasileiras’, fundado pelo tipógrafo francês Adolphe Emille de Bois Garin, no ano de 1831. De acordo com Castro (2010, p.11) norte-rio-grandense Nísia Floresta Brasileira Augusta escreveu, nas trinta edições, artigos que comparavam a condição da mulher à visão do sexo feminino em culturas muito antigas. Defendia educação de qualidade para as mulheres, a abolição da escravatura e a liberdade religiosa. Nísia Floresta era abolicionista, republicana e anos mais tarde converteu-se ao Iluminismo ao conhecer Augusto Comte.

Em 1852, o ‘Jornal das Senhoras’ inovou na estratégia. A folha dirige-se diretamente aos homens, na tentativa de convencer as esposas com carinho e respeito, não como sua propriedade ou objeto.

A imagem de fêmea passiva, reclusa, era com frequência acompanhada pela glorificação da mulher como mãe dos filhos do Brasil, e tem-se demonstrado que, mesmo assim, era-lhe negada influência política e econômica fora do lar, sendo ela bastante influente dentro dos limites do círculo familiar. (HAHNER, 1981, p.38).

Atuando na imprensa, as mulheres começaram a atuar, de forma mais ampla, participando e editando jornais em todo o Brasil. No Rio Grande do Norte não foi diferente. No ano de 1890, Úrsula de Barros Garcia é considerada a primeira mulher a escrever na imprensa norte-rio-grandense. Seus textos foram publicados no jornal ‘O Rio Grande do Norte’ (1890).



## **Imprensa Feminina no Rio Grande no Norte**

A imprensa feminina deu seus primeiros passos no Rio Grande do Norte a partir do nascimento de três jornais manuscritos: ‘A Esperança’; ‘A Distração’ e ‘O Sonho’, os três na primeira década do século XX, na cidade de Ceará-Mirim.

A maioria das publicações femininas potiguares foi fundada por professoras. Preocupadas com a condição da mulher, as folhas traziam literatura, crítica, pensamentos, crônicas religiosas, humorístico e informativo social.

‘A Esperança’ foi criado em 1903, era editado por Maria Dolores Bezerra Cavalcanti e Izaura Carrilho, teve a colaboração das jovens Adelle de Oliveira, Etelvina Antunes e Maria Carolina de Araújo Maciel. Mais tarde, em 1908, Adelle de Oliveira fundou ‘O Sonho’, objeto de estudo do nosso trabalho.

As redatoras retratavam o cotidiano de Ceará-Mirim. Escreviam sobre os eventos como a festa da padroeira Nossa Senhora da Conceição, a maior comemoração da cidade. Descrevia o cotidiano, os acontecimentos locais. Um deles foi o lançamento do próprio jornalzinho, em 25 de março de 1903, destacando a produção de textos e a formação de mulheres leitoras.

Um jornal feminino, no seu sentido mais amplo, produzido por mulheres e destinados às mulheres, tratando de assuntos de interesse das próprias mulheres e revelando leitoras que trocavam experiências através dessas práticas de escrita. (GOMES, 1999, p.42).

A imprensa feminina, das primeiras décadas do século XX, tinha a importante função de expressão do pensamento feminino, mas seu objetivo também era o de servir de distração. As jornalistas de ‘A Esperança’ explicaram que a edição da folha era uma forma de lazer para ser lida apenas pelas amigas. Referindo-se ao jornal com tamanha humildade, somos levados a acreditar que elas não tinham ideia que estavam criando um marco histórico.

De acordo com Gomes (1999), as leitoras costumavam mandar cartas à redação. Foram instituídas as seções ‘Carta a uma amiga’, ‘Colaboradores’ e ‘Carta aberta’, reforçando a produção colaborativa do periódico. As mensagens eram publicadas na primeira página, junto com os textos informativos.



Com as cartas à redação, as jovens letradas de Ceará-Mirim aproximavam-se do jornal, não apenas para elogiar e dar incentivo às produtoras, mas também para oferecer suas contribuições, passando à condição de leitora-produtora. (GOMES, 1999, p. 97).

‘A Esperança’ contribuiu para a expansão da autoestima da mulher de Ceará-Mirim e região. A semente plantada por Maria Dolores Bezerra Cavalcanti e Izaura Carrilho geraria, mais tarde, o jornal ‘O Sonho’.

Em 1914, na cidade de Natal, foi lançada a primeira revista feminina da cidade: intitulada ‘Via-Láctea’. Palmyra Wanderley e sua prima Carolina Wanderley puseram em prática o audacioso plano de colocar em circulação uma revista impressa com técnicas de diagramação. Palmyra Wanderley desejava participar daquele momento de efervescência que o jornalismo vivia no Brasil e no Rio Grande do Norte. ‘A Via-Láctea’ era literária, de publicação mensal, não trazia ilustrações, mas tinha molduras em algumas páginas.

Aplicando conceitos de administração profissional do jornalismo, as colaboradoras da revista exerciam funções bem definidas: editoras, redatoras e colaboradoras. Diferente de outras publicações femininas que tinham o viés literário, textos sobre temas domésticos e amenidades, ‘Via-Láctea’ abordava religião, arte, ciência e letras, era o espírito de modernidade que permeava o início do século XX.

A revista criticava o modelo educativo das escolas do estado, que reservavam aos meninos disciplinas relacionadas à Ciência, enquanto as meninas aprendiam prendas domésticas; horticultura; higiene individual; puericultura; cozinha prática; bordado, entre outras formas de preparar as garotas para serem boas mães e esposas.

O modelo importado da Europa era aplicado, principalmente na Escola Doméstica de Natal. Os textos geraram duras críticas do jornalista Eloy de Souza, defensor desse sistema, principalmente depois que umas colaboradoras, sob o pseudônimo ‘Dinese’ publicou o seguinte:

O assunto amoroso, que quase sempre torna-se piegas, não entra nas normas do nosso programa. Se tivéssemos, por exemplo, uma página de Postais femininos, como há em quase todas as revistas, onde nos lamentássemos, à vontade, da ingratidão, do desprezo dos homens, teria razão o Jacinto nos aconselhar a revelar menos nossos segredos e nossas dúvidas aos marmanjos gulosos e a confiá-los aos céus estrelados em noites claras de luar. (VIA LÁCTEA, n.4, 1915, p.2 *apud* MACHADO, 2012, p.64).



‘Jacinto’, pseudônimo de Eloy de Souza revoltou-se contra a ‘Via-Láctea’. Em resposta a ‘Dinese’ publicou em sua coluna ‘Aparas’, no jornal ‘A República’ sua opinião sobre as redatoras da revista:

Tivesse eu a fortuna de ter nascido mulher e a fortuna maior ainda de redigir a Via-Láctea, o meu maior empenho seria recomendar-me para fazer um excelente casamento, escrevendo coisas interessantes sobre os caseiros. [...] Acho admirável a moça que escreve bem; mas a que escreve para tratar da melhor maneira de conservar a roupa branca ou a saúde do galinheiro, acho deliciosa. Entre as lamúrias de um soneto e a receita de um prato novo não há estômago de solteirão capaz de relutâncias insensatas. Seria com este anzol que eu, se fora moça e fizesse parte da redação da mimosa revistinha, havia de pescar o marido que tivesse de fazer a minha felicidade. (A REPÚBLICA, 08/01/1915 *apud* MACHADO, 2012, p.65).

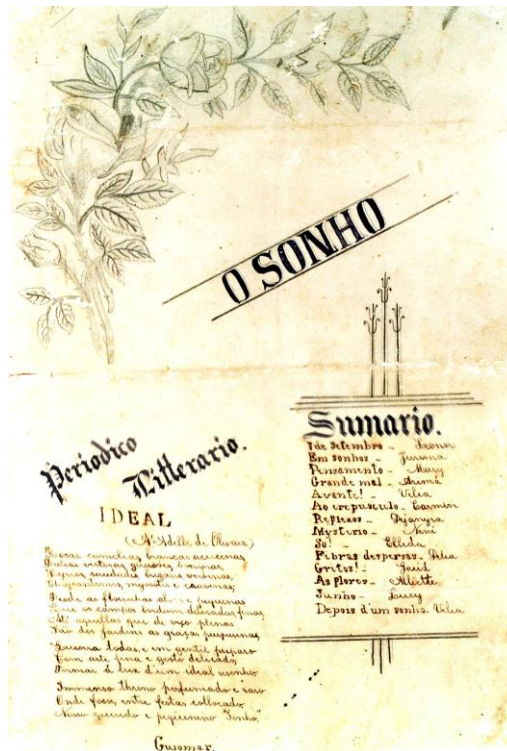
Via-Láctea estava na vanguarda dos jornais femininos, sendo o primeiro periódico sufragista do estado. Alguns anos depois, a campanha pelos direitos políticos da mulher começou a se intensificar no Brasil. Foi no Rio Grande do Norte que o voto feminino foi permitido pela primeira vez, em 1921. A educadora Celina Guimarães Viana foi a primeira eleitora. A revista era mensal e circulou por um ano.

Em Caicó (RN), por sua vez, as professoras Georgina Pires e Dolores Diniz fundaram o ‘Jornal das Moças’, editado entre 1926 e 1932. A redação também contou com Júlia Medeiros, Santinha Araújo, Maria Leonor Cavalcanti, Julinda Gurgel. Sob a epígrafe literatura, humorismo e crítica, escreveram sobre a condição da mulher na sociedade potiguar.

Apesar de ser um impresso para a mulher e tratar de assuntos como o feminino, poesias em suas páginas há registros de críticos políticas e administrativas das autoridades locais e ao comportamento pré-estabelecido para as mulheres naquela comunidade. O jornal era um canal de comunicação no qual as mulheres de Caicó se faziam ouvir. (ROCHA NETO, 2010, p.08).

O jornal adotava técnicas modernas de diagramação. A distribuição era feita por assinatura e venda avulsa. A folha promovia concursos de beleza e gentileza, com o objetivo de ampliar as vendas do jornal. Eram encartados cupons para a eleição dos candidatos do cavalheiro e a mais bela da cidade de Caicó. A estratégia de marketing associada à página destinada à publicidade de lojas, produtos e profissionais liberais fazia crescer o sucesso da folha.

## Jornal O Sonho



Jornal manuscrito O Sonho.

Fonte: Acervo particular de Edna Rangel.

Que “O Sonho” sempre querido, continue a viver ingrinaldado com as pérolas do talento poético das que n’alma sabem sentir inspirações das doces emoções do bello e do sublime, são os votos sinceros que faço a Deus, que de certo não desamparará os corações ricos de virtudes e de amor. Salve “O Sonho!”!

Salve Adelle de Oliveira!

Leonor. (O SONHO, 07/09/1908).

O jornal ‘O Sonho’ começou a circular em Ceará-Mirim, interior do Rio Grande do Norte, entre 07 de setembro de 1905 e novembro de 1910. Sua fundadora, a professora Adelle Sobral de Oliveira, já havia atuado no jornal ‘A Esperança’. O jornal era mensal, manuscrito em papel pautado, dividido por duas colunas. (GOMES, 2009, p. 22).

Os textos eram basicamente literários, críticos, informativos e opinativos, distribuídos em crônicas, contos, sonetos, pensamentos e notas. Os temas eram o amor ou as desilusões amorosas; a família; a amizade; o cotidiano do Vale do Ceará-Mirim ou do Rio Grande do Norte e a defesa pelos direitos das mulheres.





A direção e a redação eram de responsabilidade de Adelle Oliveira. As secretárias eram Erlinda Carvalho e Tracilla de Carvalho. Algumas moças da cidade colaboravam permanentemente com o jornal, como Isaura Carrilho; Etelvina Antunes; Adelaide de Melo e Dolores Cavalcanti. Além delas, foram publicados também textos da recifense Rita Campello e das paraenses Alayde Ottone; Jandyra; Jacyra; Iericê.

Adelle Oliveira era poetisa, adepta do parnasianismo. Muitos dos seus poemas foram publicados na folha sob diversos pseudônimos, facilmente verificáveis se observadas as semelhanças dos conteúdos com a história de vida da professora.

Adelle de Oliveira assinava com vários pseudônimos: Elleda, Délia, Gaud, Délia Maltez, O.M., Grimaneze d'Oliveira, A.O. e DM. Essa prática de usar pseudônimo era bastante comum na imprensa, desde o século XIX. Era um subterfúgio para se resguardar, em uma determinada situação, tanto o homem, quanto a mulher. (GOMES, 2009, p.173).

Entretanto, nesse caso, a escolha dos pseudônimos era para evitar que a maioria dos textos fossem assinados por Adelle Oliveira. Na seção 'Parque das musas', de 2 de novembro de 1908, o soneto, assinado com o pseudônimo de 'Elleda', lamenta um naufrágio. O pai de Adelle Oliveira morreu dessa forma quando ela era adolescente.

Na sombra intensa de ominosas brumas  
O barco, ao longe, parecia imerso:  
Mas, oh! De perto que horizonte terso!

Como das lendas, no rumor das plumas  
De ave dourada há muito amor disperso,  
Eu vi no barco vibrações e algumas  
De orto ignoto bem do alvor diverso!

Era porém, dos monstros inda erguidos  
Que eu pressentia se evolvar gemidos,  
Como os de um'alma que a ilusão perdeu...

E eu que vivo tão afeita às dores  
Chorei! Lembrei-me (que afeições! Que horrores!)  
De um outro barco em que meu pai morreu.

(ELLEDA, 1908).

Não só de amenidades vivia o jornal, mas também de alguns textos opinativos sobre a política local e nacional. A matéria de capa, da edição de 2 de fevereiro de 1908, intitulada 'O Sorteio', trazia duras críticas à promulgação da Lei 1860, do Serviço Militar Obrigatório. Nela, Adelle Oliveira chama atenção para o perigo que a lei



representava para a mulher que poderia, em caso de viuvez devido ao envio dos maridos à guerra, ficar desamparada sem ter como sustentar os filhos pequenos. Eram as reivindicações das mulheres ganhando espaço na imprensa e na vida pública.

No Brasil, o ápice da imprensa feita pelas mulheres aconteceu no período de 1850 a 1910. Nesta época, os impressos direcionados para as mulheres ganhavam espaço na imprensa em geral, principalmente na carioca.

No Rio Grande do Norte o jornal ‘O Sonho’ contribuiu para a ampliação dos horizontes da mulher de Ceará-Mirim. Deu voz e defendeu os interesses femininos, numa época na qual a mulher apenas ocupava o espaço privado.

As editoras do jornal ‘O Sonho’ foram exemplo de luta das mulheres na vida social e cultural da cidade de Ceará-Mirim, num período em que à mulher era reservado os afazeres domésticos, o espaço privado. Graças ao espírito empreendedor de Adelle de Oliveira e a força das professoras e editoras da folha feminina, o jornal se transformou no veículo condutor dos pensamentos e da voz da mulher na cidade de Ceará-Mirim, contribuindo para a participação da mulher na imprensa norte-riograndense.



## REFERÊNCIAS

BUITONI, Dulcília Schroeder. **Imprensa Feminina**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.

\_\_\_\_\_. **Mulher de papel**: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira. 2. ed. São Paulo: Summus. 2009.

CARVALHO, Isabel C. M. de, **Sutilezas femininas de Palmyra Wanderley**. Natal: Edunp, 2012.

CASTRO, Luciana Martins. A Contribuição de Nísia Floresta para a educação feminina: pioneirismo no Rio de Janeiro oitocentista. **Dossiê História e Educação 237**, v. 7, n. 10, dez. de 2010. Disponível em:  
[www.outrostempos.uema.br/OJS/index.php/outros\\_tempos](http://www.outrostempos.uema.br/OJS/index.php/outros_tempos) Acesso em: 24 jun. 2012

FERNANDES, Luiz. **A imprensa periódica no Rio Grande do Norte**: de 1932 a 1908. 2. Ed. Natal: Sebo Vermelho, 1998.

GOMES, Edna Maria Rangel de Sá. **Adelle de Oliveira**: trajetória de vida e prática pedagógica (1900-1940). Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2009.

GOMES, Otêmia Porpino. **Imprensa feminina**: o jornal A Esperança (1903-1909). Dissertação (mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1999.

HAHNER, June E. **A mulher brasileira**: e suas lutas sociais e políticas (1850 –1937). São Paulo: Brasiliense, 1981.

JORNAL DAS MOÇAS. Caicó, 7 fev. 1926.

\_\_\_\_\_. Caicó, 12 fev. 1926.

MELO, Manoel Rodrigues de. **Dicionário da imprensa no Rio Grande do Norte**: (1907-1987). São Paulo: Cortez, Natal: Fundação José Augusto, 1987.

OLIVEIRA, Fabiano Moreira (Org.) e TEIXEIRA, Renato de Souza. **Adelle de Oliveira**: uma poetisa parnasiana no vale do Ceará-Mirim. Natal: UnP, 2004. Monografia (Licenciatura em Letras).

O SONHO. Ceará-Mirim, n. 2, 2 fev.1908.

\_\_\_\_\_. Ceará-Mirim, n. 2, 7 jun.1908.

\_\_\_\_\_. Ceará-Mirim, n. 3, 9 ago.1908.

\_\_\_\_\_. Ceará-Mirim, n. 2, 7 jul.1908.

\_\_\_\_\_. Ceará-Mirim, n. 2, 2 nov.1908.



ROCHA NETO, Manoel P. **Jornal das Moças (1926-1932)**: imprensa feminina no sertão potiguar. INTERCOM, Campina Grande/ PB, 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2010/resumos/R23-0421-1.pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2012.